



Revista da Abordagem Gestáltica:

Phenomenological Studies

ISSN: 1809-6867

revista@itgt.com.br

Instituto de Treinamento e Pesquisa em
Gestalt Terapia de Goiânia
Brasil

Farber, Marvin

EDMUND HUSSERL E OS FUNDAMENTOS DE SUA FILOSOFIA

Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, vol. XVIII, núm. 2, julio-diciembre, 2012,
pp. 235-245

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia
Goiânia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735517014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

TEXTOS CLÁSSICOS

EDMUND HUSSERL E OS FUNDAMENTOS DE SUA FILOSOFIA¹

Marvin Farber

(1940)

Nenhum assunto na filosofia recente alcança a confiança suprema com a qual Husserl anunciou o começo triunfante de uma nova ciência da filosofia, uma disciplina “absoluta” alcançada através de um método cuidadosamente elaborado. Essa ciência era muito avançada, assim como os resultados realmente positivos dos esforços filosóficos da época. De fato, os filósofos que o antecederam foram classificados por Husserl como não correspondentes aos ideais da fenomenologia. Reside aí algo de admirável e heroico sobre o tom de Husserl e sua opinião não precipitadamente avançada. Mais de cinquenta anos de reflexões consecutivas e trabalho incessante, que resultaram em numerosos exemplos de análises descritivas, justificam a necessidade de saudar suas reivindicações, ouvindo com atenção seus argumentos. O pensamento e as contribuições de um dos mais argutos e completos filósofos do último século merecem uma atenção bem maior do que a que tem recebido. Considerar seu trabalho é necessário em razão da insistência de Husserl de que sua filosofia ainda é desconhecida² e de seus repetidos protestos por ser mal interpretado. O fato de que Husserl raramente responde seus críticos tem dificultado ainda mais a compreensão do público filosófico em geral sobre a relevância de seu trabalho. Para muitos ele era firme demais, não importando críticas a favor ou contra, o que acabou gerando interpretações errôneas. Publicações importantes feitas nos últimos anos de sua vida incluíram duas respostas a esses críticos, sendo que foram as únicas mais elaboradas desde sua resposta a Palagyi em 1903. Agora é possível analisar e apreciar a filosofia fenomenológica mesmo que muitos manuscritos nunca tenham sido publicados³. Estes textos contêm um material mui-

to valioso que, sem dúvida, enriquecerá e modificará o entendimento sobre o método fenomenológico. Assim, a recente publicação de Husserl, *Erfahrung und Urteil*⁴ tornou-se reveladora, acrescentando muito ao entendimento sobre a sua filosofia da lógica. Por essa razão, é correto afirmar que Husserl publicou o suficiente para favorecer uma justa apreciação de sua filosofia, estabelecendo um ponto de partida para trabalhos futuros bastante frutíferos em conjunto com linhas fenomenológicas.

Para tanto, é necessário analisar sua filosofia de maneira objetiva, sem um pensamento restrito ou vínculos teóricos pessoais. Isso significa que é preciso estar preparado para reconhecer avanços positivos feitos por Husserl na filosofia e em ciências distantes como a psicologia, além de empenhar-se para apurar se todos os elementos do seu pensamento são coerentes com seus preceitos declarados. Um interesse especial é a forma final do idealismo representado pelo último sistema de fenomenologia transcendental, o qual revela os limites, bem como os méritos, do modo subjetivo do procedimento filosófico. A atenção renovada ao método na filosofia torna a análise da fenomenologia bastante pertinente; sendo assim o grande desenvolvimento da teoria lógica é necessária para colocar a fenomenologia em conexão com esta, prevendo possíveis reações mútuas. Atenção especial deve ser dada às contribuições lógicas de Husserl, por serem muito significativas considerando-se as dúvidas e dificuldades análogas aos problemas existentes na época das *Investigações Lógicas*⁵.

ou simplesmente *Husserliana*, que contém a série principal de suas obras, manuscritos e inéditos, constantes na *Husserl-Archives Leuven*. Atualmente, a coleção conta com 41 volumes já editados (N. do E.).

¹ Título original: “Edmund Husserl and the Background of his Philosophy”, publicado na revista *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 1, Nr.1, p. 1-20 (1940), editada pela *International Phenomenological Society*. As notas do autor foram aqui mantidas, na mesma ordem e numeração do texto original. As notas explicativas acrescidas pelo Editor estão em formato alfabético, para não interferir no texto original.

² Cf. E. Fink. “Was will die Phänomenologie Edmund Husserls?” *Die Tatwelt*, 1934, p. 15.

³ É importante assinalar que, desde a publicação original desse texto, muitos manuscritos husserelianos foram publicados na coleção conhecida como *Husserliana: Edmund Husserl Gesammelte Werke*

⁴ *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik, ou Experiência e Juízo. Estudos sobre a Genealogia da Lógica*, inédita em português. A primeira impressão desse texto se deu logo após a morte de Husserl, em 1938, tendo sido editada em Praga. Contudo, com a anexação da Tchecoslováquia à Alemanha Nazista, houve significativo prejuízo na divulgação dessa obra. Foi organizada finalmente em 1948, por Ludwig Landgrebe (Nota do Editor).

⁵ *Logische Untersuchungen. Zweite Teil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*, publicado originalmente em 1901 (Primeiro Volume.). O segundo volume foi publicado posteriormente (Ver Nota 8 desse texto). No Brasil, a primeira tradução desse texto se deu em 1976, na forma da “Sexta Investigação”, e

Assim como o enigma proposto pelo pensamento de Husserl, e que pode ser melhor solucionado aproximando-se do seu desenvolvimento, este artigo enfatiza algumas das influências que antecederam seu pensamento e pontua as fases de seu trabalho. Não será possível fazer jus a todas essas influências: Husserl deriva de uma história inteira da filosofia e, sem dúvida, deve muito e indiretamente a todos os pensadores que nunca foram mencionados explicitamente em suas obras. Portanto, é suficiente para os nossos propósitos, chamar atenção para a controvérsia da qual Husserl é famoso – a questão da relação entre psicologia e filosofia (em especial a lógica) e indicar, mesmo que apenas mencionando nomes, as influências mais importantes sobre o seu pensamento conforme admitido pelo próprio Husserl.

1. Psicologismo e Filosofia na Década de 1880

Proeminente na filosofia do final do século XIX era um ponto de vista conhecido por “psicologismo”. A filosofia de uma época é sempre condicionada e influenciada pelas concepções científicas mais destacadas, especialmente as novas; exemplo disso é o racionalismo, na filosofia moderna, que refletiu os avanços da matemática e da física. No período em questão a ciência emergente era a psicologia que detinha dupla importância para a filosofia alemã: sugeria um caminho seguro para a solução de problemas difíceis da lógica e da teoria do conhecimento, além de oferecer um substituto e um acréscimo para a perspectiva idealista em filosofia. O psicologismo já era relevante na filosofia inglesa, cujo representante maior foi J.S. Mill. Na Alemanha, Wundt e Lipps servem de exemplos. Natorp, Brentano, Stumpf e posteriormente Frege são de particular importância, por fornecerem significativa influência para Husserl. A reação contra o psicologismo foi claramente ilustrada nos primeiros escritos de Natorp; e Schuppe e Volkelt antecederam Husserl na teoria do conhecimento, embora não tenham exercido influência direta sobre ele. Isso, porém, não afeta a originalidade de Husserl, visto que o uso sistemático imposto por ele às mesmas causas, resultaram na sua radical reformulação.

O Psicologismo foi uma perspectiva extremada, e uma reação a isto era inevitável. A revisão de Natorp, do livro de Theodor Lipps *Basic Facts of Mental Life*⁶ é uma indicação precoce de tal reação. Lipps considerava a psicologia como constitutiva da base filosófica, mas Natorp duvidava da possibilidade de a psicologia “fundamentar” a lógica e a teoria do conhecimento. Lipps, por outro lado, considerava esses temas como a base psicológica do princípio

da contradição e função geral das concepções sobre o conhecimento. De acordo com Lipps, a derivação genética das leis básicas do conhecimento depreendida dos fatos originais da vida física eram idênticas às suas fundações “epistemológicas”, em outras palavras, a teoria do conhecimento seria uma ramificação da psicologia. Há que se reconhecer, assinala Natorp, que fatos psíquicos são representados nas leis do conhecimento, e esses fatos, por serem psíquicos, constituem também objeto de investigação para a psicologia; porém, não é uma questão de indiferença se são fatos psíquicos ou se a psicologia uma pressuposição da teoria do conhecimento. Conhecimento é admitido como sendo um processo psíquico apenas na forma de conceitos e teorias, ou de modo geral, como consciência. Mesmo a verdade sobre o conhecimento, assim como a lei que rege essa verdade como algo objetivamente válido, devem ser investigadas através da consciência que seres pensantes possam ter sobre ela.

Nesse sentido, conceitos e verdades sobre a geometria seriam fatos psíquicos, e mesmo assim, os axiomas de Euclides não são considerados como sendo leis psicológicas por ninguém, nem se supõe que seu objetivo depende do entendimento psicológico de apresentações geométricas. Natorp, portanto, apenas ressaltou o fato de que a consciência da verdade independe de toda explicação genética por meio de conexões psicológicas e chamou atenção para a independência da base objetiva dos princípios do conhecimento. Assim, para Natorp, a crítica e a psicologia do conhecimento se exigem e se condicionam uma a outra. Um indicativo de seu ponto de vista é dado por sua asserção que uma lei de conhecimento é *a priori*, assim como toda lei é *a priori* para aquilo que é sujeito à lei.

As primeiras reações de Natorp contra o psicologismo estão expressas também num artigo sobre os fundamentos objetivos e subjetivos do conhecimento⁷, no qual o autor argumenta que não existiria nenhuma lógica, ou ela deveria ser inteiramente construída sobre suas próprias bases, sem a necessidade de se fundamentar em qualquer outra ciência. Aqueles que fazem da lógica uma ramificação da psicologia afirmam que esta é a ciência de base e que a lógica é, na melhor das hipóteses, apenas uma aplicação da psicologia. Natorp afirmou que não apenas o significado da lógica, mas também o significado de toda ciência objetiva é ignorado e quase pervertido em seu oponente, quando a verdade objetiva do conhecimento se torna dependente de uma experiência subjetiva. Fundamentar a lógica sobre bases subjetivas seria anulá-la como teoria independente da validade objetiva do conhecimento. Por essa razão, Natorp não estava somente defendendo os direitos da lógica no sentido comum do termo, mas também chamando atenção para a validade objetiva da qual

publicada na coleção Os Pensadores. Atualmente contamos com uma tradução portuguesa dos dois volumes (Universidade de Lisboa) e uma brasileira do primeiro volume e do II Tomo (N.do E.)

⁶ Cf. Paul Natorp, revisão da obra da obra de Lipps *Grundthatsachen des Seelenlebens*, Bonn, 1883, publicado no *Göttingische gelehrt Anzeigen*, 1885, pp. 190-232.

⁷ P. Natorp, “Über objektive und subjektive Begründung der Erkenntnis” (Erster Aufsatz), *Philosophische Monatshefte*, vol. XXIII, 1887, pp. 257-286. Husserl refere-se à página 265 f. desse artigo nas *Investigações Lógicas* como reforço para seu debate sobre o psicologismo.

é feita toda ciência, ao sustentar que a validade objetiva deve ser também sustentada objetivamente. Como pressuposição da ciência objetiva, Natorp formulou o preceito de que o verdadeiro conhecimento científico somente pode depender de leis que gerem a certeza no âmago da ciência e que sejam desenvolvidas de maneira lógica, independente de quaisquer pressuposições que possam ser vinculadas a elas. Assim, todo recurso ao sujeito cognoscente e sua capacidade de ciência objetiva é marcado como algo estranho.

Natorp foi muito claro ao afirmar que a objetividade da ciência requer a superação da subjetividade. Nesse sentido, sua concepção sobre a verdade científica é compatível com o ideal posterior de Husserl de uma ciência rigorosa para a filosofia, mas não a ponto de sugerir a ideia de uma ciência universal ou de uma filosofia “cientificamente enraizada”. O objeto da crítica de Natorp era, de fato, o psicologismo e ele foi bem-sucedido ao formular claramente essa questão. Natorp afirmou que a verdade científica, conforme ilustrada na ciência natural matemática, torna-se uma certeza quando fundamentada em pressuposições objetivas, ressaltando sua autonomia como ciência. Logo, o matemático e o físico não deveriam buscar na psicologia a essência da verdade de seus conhecimentos.

A expressão “validade objetiva” foi, assim, utilizada para indicar a independência do aspecto subjetivo do saber. Seu significado positivo era bem menos claro para Natorp. A ideia de que existem objetos fora e independentes de toda subjetividade seria uma possível resposta, mas Natorp acreditava que o “ser em si mesmo” do objeto já era em si um enigma, em razão do seu kantismo não resolvido. Natorp argumentava que a independência do objeto da subjetividade do saber somente poderia ser entendida por meio da abstração, visto que os objetos nos são dados somente através do conhecimento de que temos deles. Sendo assim, seria necessário abstraí-los a partir do conteúdo da experiência subjetiva. De acordo com Natorp os verdadeiros princípios e bases do conhecimento são as unidades objetivas finais. Na matemática, não são os fenômenos que são básicos, mas sim as abstrações fundamentais que são expressões da unidade de determinação de possíveis fenômenos tais como ponto, linha, retidão e igualdade de magnitude. Tudo isto envolve a função fundamental de objetivação e a “unidade da multiplicação” de Kant e Platão. Somente assim os “fenômenos” únicos da ciência se tornam possíveis. Natorp argumentou que deve haver uma função determinante e “firme”, a fim de tornar essa positividade uma realidade possível. Numa discussão posterior⁸ Natorp buscou verificar como o tipo de argumentação que tinha usado era objetivo, ou seja,

⁸ Cf. P. Natorp, “Quantität und Qualität in Begriff, Urteil und gegenseitlicher Erkenntnis”, *Philosophische Monatshefte*, vol. XXVII, 1891, pp. 1-32, 129-160. No seu *Einleitung in die Psychologie nach kritischer Methode* (Freiburg f. B., 1888), Natorp se colocou a tarefa de tornar seguras as bases da psicologia através de uma investigação preliminar do seu objeto de estudo e método.

buscou compreender qual procedimento matemático é objetivo, além de mostrar que a lógica formal deve ser fundamentada na lógica do conhecimento objetivo ou na lógica transcendental.

Outra ideia importante na época foi o ideal da ausência de pressuposições no procedimento filosófico. Esse ideal foi tomado por Husserl nas *Investigações Lógicas* como uma exigência óbvia a ser imposta sobre toda investigação epistemológica.

Assim, é possível apontar as influências diretas sobre Husserl no início do seu percurso, derivadas de algumas poucas fontes embora, posteriormente, abordasse filósofos que, num primeiro momento, tinham sido negados ou rejeitados. Natorp, Volkelt, Schuppe e Rehmke podem ser considerados representantes únicos de uma geração emergente de idealistas, cujos trabalhos seriam relevantes na literatura filosófica das décadas subsequentes. Suas publicações foram lidas, caso de Natorp, e também consideradas como trabalhos paralelos por Husserl.

A orientação à filosofia de Kant, sempre proeminente na Alemanha viria a ser de grande significância para Husserl. Brentano, que não é facilmente classificado, combinou o escolasticismo e a filosofia de Aristóteles com o empirismo, inaugurando um período frutífero de desenvolvimento da psicologia, tendo Stumpf como um dos seus primeiros discípulos mais produtivos. O desenvolvimento moderno da lógica simbólica, que teve seu início na Inglaterra através de Boole, foi conduzido na Alemanha por Schröder e Frege. Esses estudiosos podem ser citados como constituindo a cena filosófica em que Husserl entrou quando ele se juntou ao corpo docente da Universidade de Halle em 1887. Todos representam uma fase especial do contexto da filosofia Alemã na época.

2. O Discípulo de Brentano

“Brentano, meu professor” era uma expressão frequentemente ouvida nas aulas de Husserl. Sua dúvida intelectual com Brentano era considerável no início de seus estudos, mas foi o elemento moral e o exemplo pessoal de Brentano que o levou a escolher a filosofia como objetivo de vida e que constitui sua última influência. Husserl foi um aluno agradecido a Brentano acompanhando-o, juntamente com Stumpf, durante viagens de férias. Entretanto, Husserl não estava preparado na época para aproveitar esse contato. A eficácia de Brentano como professor é justificada pelo número de teóricos notáveis que devem o começo de seus estudos a ele, tais como Stumpf, Husserl, Meinong, Höfler e Marty.

Husserl deixou um tributo revelador a Brentano dedicando uma obra inteira ao mestre⁹. Husserl participou

⁹ Cf. Husserl “Erinnerungen an Franz Brentano”, Supplement II, pp. 153-167, no livro de Oskar Kraus, *Franz Brentano, Zur Kenntnis seines Lebens und seiner Lehre* (O Supplement I é de autoria de Carl Stumpf), München, 1919.

de seus cursos durante dois anos, de 1884 a 1886, depois de ter completado formalmente seus estudos universitários, nos quais a filosofia era um objeto menor. Brentano proferia conferências sobre a filosofia prática, lógica elementar e suas reformas necessárias e também falava sobre questões psicológicas e estéticas específicas. Husserl estava em dúvida, então, se deveria dedicar-se à filosofia ou à matemática e foram as conferências de Brentano que o ajudaram a tecer sua escolha. Embora tenha sido constantemente advertido por seu amigo Masaryk a estudar com Brentano, Husserl comentou que participou das conferências apenas por curiosidade, pois na época Brentano era muito discutido em Viena, sendo admirado por muitos e insultado por outros que o comparavam a um jesuíta disfarçado. Husserl ficara impressionado desde o início por seus gestos leves e seu rosto expressivo, com rugas que evidenciavam não apenas um mero trabalho mental, mas profundas batalhas intelectuais. Brentano o impressionou como alguém que estava sempre consciente de ter uma grande missão. A linguagem de suas conferências era livre de toda artificialidade, revelando sua perspicácia, uma inteligência viva através de um tom de voz bastante peculiar, velado, suave, acompanhado de gestos quase sacerdotais que faziam-no parecer um profeta de verdades eternas e um locutor de outro mundo. Husserl comentou mais tarde que sucumbiu à força daquela personalidade, apesar de todos os seus preconceitos. E, foi a partir dessas conferências que ganhou convicção de que a filosofia é um campo de trabalho intenso, vigoroso e que pode ser tratado no âmago da ciência mais rigorosa, e isso o levou a tomar a filosofia como um projeto de vida.

Brentano era mais eficiente nos seus seminários, nos quais estudou os seguintes textos: *Enquiry Concerning Human Understanding* e *Principles of Morals*, de Hume; a fala de Helmholtz sobre “The Facts of Perception”, e de Du Bois-Reymond, “Limits of Natural Logic”. Na época, Brentano estava particularmente interessado em questões de psicologia descritiva, que discutiu com Husserl. Nas conferências sobre lógica elementar Brentano tratou a psicologia descritiva considerando o trabalho de Bolzano “Paradoxos do Infinito” além das diferenças entre as ideias de “intuitivo e não-intuitivo”; “claro e obscuro”; “distinto e não distinto”; “real e irreal” e “concreto e abstrato”. Outros temas incluíram a investigação do julgamento e também problemas descritivos da fantasia. O alcance da influência de Brentano é demonstrado nos primeiros escritos de Husserl, bem como nas investigações subsequentes sobre a lógica e a teoria do conhecimento. Sua dúvida com Brentano foi reconhecida explicitamente e de bom grado por Husserl. É interessante notar que Brentano sentiu-se como o criador de uma *philosophia perennis*, embora não tenha se fixado em suas perspectivas nem ficado parado no tempo. Brentano exigia clareza e a distinção de conceitos fundamentais, considerando as ciências naturais exatas como representantes do ideal de uma ciência exata da filosofia. Este ideal se opunha à

tradição do idealismo alemão que, na sua opinião, degeneravam a filosofia.

Husserl trocou poucas correspondências com Brentano. Em resposta a uma carta, solicitando que aceitasse uma dedicatória feita a ele na obra *Filosofia da Aritmética*¹⁰, Brentano expressou cordiais agradecimentos, posicionando-se contra, temendo que Husserl angariasse a animosidade de seus inimigos. Husserl, entretanto, não recebeu nenhuma resposta quando enviou a Brentano uma cópia dessa obra com sua dedicatória. Brentano só foi notar que o trabalho de Husserl tinha sido dedicado a ele quatorze anos depois tendo, então expresso calorosos agradecimentos. Husserl aceitou os agradecimentos e compreendeu seu mestre o suficiente para se sensibilizar com este incidente. O desenvolvimento independente desses dois teóricos deve-se a essa pequena quantidade de cartas trocadas entre eles.

Husserl viu Brentano em 1908 em Florença, quando o último estava quase cego. Novamente sentiu-se como um iniciante tímido, mais propenso a ouvir do que falar. Uma vez foi chamado a se manifestar e foi ouvido por Brentano sem interrupção. Seu relato acerca do significado do método fenomenológico de investigação, bem como do seu conflito anterior com o psicologismo, não os levaram a nenhum acordo. Husserl afirmou que talvez a culpa fosse parcialmente sua. Ele tinha ficado inibido pela sua íntima convicção de que Brentano, em razão de sua firme postura de conceitos e argumentos, já não era mais suficientemente adaptável para entender a necessidade de transformação de suas ideias fundamentais, o que Husserl acreditava que ele estava compelido a fazer. Brentano vivia continuamente no seu mundo de ideias e na completude de sua filosofia que dizia tinha sido submetida a um grande desenvolvimento ao longo de décadas. Pairava sobre ele uma aura de transfiguração, embora ele não pertencesse mais a este mundo e vivesse metade de sua vida naquele mundo maior no qual acreditava tão firmemente. Esta última imagem calou fundo na mente de Husserl.

Este tributo de um grande pensador a outro revela o grau de influência exercido por Brentano sobre Husserl. A semelhança entre os dois é notável. O reconhecimento de que Brentano foi uma influência determinante para Husserl deve ser entendido literalmente, pois Husserl compartilhou no mais alto grau a seriedade dos modos suaves de Brentano, e também o desdém do humor e outras estratégias utilizadas pelo mestre em suas conferências que tanto o impressionaram. Outra grande característica entre ambos era a crença declarada de Husserl de que tinha fundado a única filosofia válida. Ele também nunca ficou parado e acreditava que seus avanços, mesmo nos últimos anos de sua vida, foram notáveis e profundos. O espírito de “escola”, no qual os discípulos do mestre seriam treinados mais tarde, foi ilustrado também

¹⁰ No original, *Philosophie der Arithmetik. Psychologische und logische Untersuchungen*, publicado em 1891 (N.d.E.).

no movimento fenomenológico, embora, para ser sincero, o método cuidadosamente elaborado por Husserl colocou-o acima dos confinamentos de uma escola no sentido comum do termo. O retrato de Brentano é estranhamente familiar àqueles que conheceram Husserl pessoalmente; ao descrever seu professor, Husserl se auto revelou.

3. O Julgamento Final de Brentano, por Husserl

Brentano é mais conhecido por sua obra *Psychologie vom empirischen Standpunkt*¹¹ (1874). As publicações recentes de seus trabalhos, feitas por Kraus e Kastil¹², tem esclarecido melhor as razões da influência extraordinária exercida sobre Husserl por Brentano. Husserl estava em débito com Brentano, pelo seu interesse no conceito de intencionalidade e pela investigação descritiva da percepção interna, e sem dúvida, aprendeu a se tornar um investigador filosófico ao ser exposto a exemplos concretos de análise descritiva e a como reconhecer problemas. Era inevitável que seu desenvolvimento acontecesse de forma paralela e se sobreponesse a alguns esforços de Brentano. Embora também fosse fácil para Husserl se livrar da quantidade de dívidas com Brentano, deve ser dito que o estudo dos principais elementos do pensamento do mestre é indispensável para a compreensão genética da fenomenologia.

A crítica de Brentano sobre o trabalho de Husserl alguns anos depois da publicação das *Investigações Lógicas* foi disponibilizada através da publicação de duas cartas escritas para Husserl em 1905¹³, nas quais expressou suas objeções e receios em relação ao trabalho de Husserl. Brentano concordava com as críticas ao psicologismo, o qual considerava essencialmente Protagoreano, isto é, perspectiva na qual o homem é a medida de todas as coisas. Enquanto admitia que o empreendimento de Husserl com a lógica pura não era suficientemente claro para ele [Brentano], julgava impossível congregar todas as verdades, caminhando intuitivamente do nível dos conceitos para uma ciência teórica da lógica; e ele não estava disposto a aprovar os esforços para delimitar uma ciência teórica das verdades que excluisse quaisquer dados empíricos. Os comentários de Brentano, embora interessantes em si mesmos, indicavam uma interpretação completamente equivocada do objetivo e do trabalho de Husserl.

Na opinião do editor, professor O. Kraus, Husserl falhou ao responder os “argumentos conclusivos” de Brentano, enquanto a esperança do mestre de afastá-lo dos erros era completamente ilusória. Kraus estava particularmente interessado em enfraquecer a reivindicação

de Husserl pela originalidade de seu trabalho. Desafiando a crença de que a refutação do psicologismo foi devido às *Investigações Lógicas*, Kraus referiu-se a evidências no artigo de Brentano, que teria incorporado no texto do volume sobre *Verdade e Evidência*¹⁴. Brentano também se opôs à concepção de evidência como sentimento, um aspecto antipsicologista que tinha sido creditado a Husserl. Através de alguns trechos da obra de Brentano, *The Origin of the Knowledge of Right and Wrong (Ursprung sittlicher Erkenntnis*, 1889), Kraus tentou estabelecer a prioridade deste na oposição ao psicologismo. Os objetos ideais de Husserl e os “objetivos” de Meinong foram rastreados por ele na introdução de Brentano sobre as pressuposições dos “fatos” irreais (*Sachverhalte*, existentes e não existentes).

Tudo isso prova que Brentano fora um pensador estimulante, que deu início a diversas ideias desenvolvidas posteriormente por alunos muito talentosos. É possível rastrear numerosas ideias da fenomenologia inspiradas nas sugestões dadas pelo pensamento de Brentano, mas seria um absurdo superestimar esse débito ao ponto de exigir a reivindicação de prioridade. Partindo da perspectiva de Kraus, a ideia de fatos irreais dificilmente é creditada a Brentano, visto que este afirmava que somente as coisas concretas, *realia*, ou as essências reais podem ser pensadas, enquanto as *irrealia* como o ser, o não-ser, fato e verdade são meras ficções.

Nas *Investigações Lógicas*, Husserl chamou atenção para os defeitos na teoria do conhecimento de Brentano enfatizando a ambiguidade de expressões como “em consciência” e “imanente na consciência”¹⁵. Não há dúvidas sobre seu débito para com Brentano pelo conceito de intencionalidade e pelo campo da análise descritiva que se desenvolveu a partir disso, mas era de Husserl a crença de que, apesar disso, Brentano falhou ao buscar sua real natureza e colocá-la para uso filosófico. Como Husserl fez essa afirmação somente nos seus últimos anos de vida, já era tarde para que pudesse caracterizar corretamente, e de forma cuidadosa, a radicalidade dos novos tipos de problemas que advinham da intencionalidade, descobertos nas *Investigações Lógicas*, no seu significado universal para uma psicologia genuína e uma filosofia transcendental. Husserl tinha finalmente alcançado a compreensão do que Brentano buscava: uma psicologia dos fenômenos da consciência (experiências intencionais) da qual não tinha noção sobre o significado real, nem tampouco do método que deveria utilizar para sua realização.

As críticas de Kraus não impressionaram e nem detiveram Husserl. Voltando o olhar para o início de seus estudos, a partir da perspectiva de sua maturidade, e em meio a um profundo sentimento de decepção difícil de entender, Husserl vangloriou-se de seu vínculo com Brentano por anos, acreditando ser um colaborador

¹¹ *Psicologia do Ponto de Vista Empírico*, inédita em português (N. do E.).

¹² *Brentanos Gesammelte Philosophische Schriften*, editada por O. Kraus e A. Kastil, Leipzig, 1922-1980, 10 volumes.

¹³ Cf. Brentano, *Wahrheit und Evidenz*, editado por O. Kraus, Leipzig, 1930. As cartas encontram-se no apêndice sob o título de: “Sobre a Generalização da Verdade e o Erro Fundamental da então chamada Fenomenologia”.

¹⁴ Aqui refere-se o autor à obra brentaniana *Wahrheit und Evidenz*, Hamburg, Felix Meiner, 1930 (N. do E.).

¹⁵ *Logische Untersuchungen*, vol. II, parte 1, p. 375. Cf. L. Landgrebe, “Husserls Phänomenologie und die Motive zu ihrer Umbildung”, *Revue Internationale de Philosophie*, I, 2 (1939), pp. 280 ff.

de sua filosofia, especialmente de sua psicologia. Mas, como Husserl observou em seu primeiro trabalho (a tese de 1887, parte dela desenvolvida em sua *Filosofia da Aritmética*), todo o seu modo de pensar era inteiramente diferente daquele de Brentano. Formalmente falando, Brentano buscava uma psicologia cujo tema fossem “os fenômenos psíquicos” os quais, entre outras coisas, eram definidos como consciência “de” alguma coisa. Mesmo assim, sua psicologia não era nada além de uma ciência da intencionalidade; os problemas reais da intencionalidade nunca foram revelados para ele; Brentano sequer notou que nenhuma experiência dada de consciência deve ser descrita sem a afirmação do objeto intencional pertinente “como tal” (ex.: a percepção dessa mesa somente deve ser descrita, de modo exato, se eu a descrever *como tal e tal como* é percebida). Ademais ele não fazia ideia sobre implicação intencional, modificações intencionais, problemas de evidência ou de constituição, etc. Embora Brentano tenha se empenhado para ir além do Neo-escolasticismo, ele não foi bem sucedido; seus escritos de idade avançada foram tidos por Husserl como um “escolasticismo destilado”. Não era possível que Husserl pudesse “emprestar” ideias de uma fonte na qual não estavam presentes. Numa resposta simples a um Brentanista radical como Kraus, é possível aceitar como verdadeira cada reivindicação significativa às prioridades de Brentano sem diminuir a estatura de Husserl. Uma controvérsia infeliz seria assim reduzida a sua própria insignificância.

4. O Desenvolvimento de Husserl

A preparação inicial de Husserl incluiu as matemáticas e a psicologia. Sua tese de doutorado foi em matemática e seus estudos sob a tutela de Weierstrass conferiram-lhe uma base sólida para seus trabalhos posteriores com a lógica. Em psicologia, interessou-se preliminarmente por uma investigação puramente descritiva ou “empírica” no sentido de Brentano. A fusão dessas duas áreas aparentemente diversas determinou o cenário de sua carreira. As principais mudanças no seu percurso são explicadas, em grande parte, pelas dificuldades encontradas na tentativa de integrar esses dois elementos. Seus sentimentos mais íntimos de incerteza, muitas vezes de proporções lastimosas, refletiram o conflito existente entre um ponto de vista formal, “realista”, segundo o qual todas as proposições lógicas são determinadas em si mesmas, e o método psicologista, que considerava formas lógicas e princípios por meio do processo da experiência. Pouco tempo antes de sua morte, Husserl comentou ter passado por um período de abatimento, semelhante às experiências vividas periodicamente nos primeiros anos de sua vida, durante os quais foi incapaz de desenvolver qualquer estudo. Tais períodos foram seguidos por pesquisas e produtividade intensas.

É possível distinguir diferentes períodos no desenvolvimento do pensamento de Husserl no que diz respeito a determinar elementos nos primeiros estágios do seu treinamento. De modo geral, referem-se ao período do psicologismo, da simples fenomenologia descritiva (fenomenologia num sentido estrito) e a fenomenologia transcendental¹⁶. Do ponto de vista desta última, a fenomenologia transcendental, os dois primeiros são simplesmente estágios do processo em direção a um reino da filosofia, acessível somente através da redução fenomenológica. Sendo assim, as *Investigações Lógicas* foram caracterizadas como um trabalho de “Durchbruch”¹⁷ por Husserl. Por essa razão, pode-se dizer que os dois maiores períodos de sua carreira seriam o pré-transcendental e a filosofia transcendental. O grande progresso registrado nas *Investigações Lógicas* foi reconhecido logo após a publicação daquele trabalho, quando Husserl afirmou ser a fenomenologia uma disciplina autônoma. Estando plenamente consciente do progresso significativo que tinha feito, Husserl estava apto para conceber o passo seguinte a ser dado – a redução fenomenológica – que, sozinha, podia oferecer técnica apropriada para uma análise descritiva reflexiva exigida para fins de uma teoria do conhecimento e da filosofia de um modo geral.

O próprio Husserl acreditava que o seu desenvolvimento mostrava uma consistência interna apesar da ocorrência de mudanças provocadas pelas épocas, o que gerou muita dificuldade para seus seguidores em vários momentos. Aqueles que falharam ao alcançar ou endossar essas mudanças falharam ao participar desse “desenvolvimento”. As mudanças ocorridas relembram a filosofia de Schelling. A diferença entre os estágios iniciais e finais é surpreendente, mas mesmo assim Husserl ressaltou a unidade fundamental na sua carreira. O período inicial viu o talento e experiência de um jovem teórico com uma predileção para os problemas mais elementares. A extensão do seu psicologismo pode ser questionada, embora tenha de fato defendido a tese psicologista em relação aos conceitos fundamentais da matemática e da lógica. Mas em lógica Husserl sabia muito bem como aplicar o método formal, como se observa no artigo sobre “Calculus of Inference” (1891). Embora tenha reagido contra sua posição inicial e mudado contínua e periodicamente, os resultados importantes de cada estágio fo-

¹⁶ E.Fink, na sua introdução à obra, até agora, não publicada de Husserl, “Entwurf einer ‘Vorrede’ zu den ‘Logischen Untersuchungen’” (1913), *Uit Tijdschrift Voor Philosophie*, I, 1 (1939), p. 107. Fink divide o desenvolvimento da fenomenologia de Husserl – tomada externamente – em três fases, correspondendo aproximadamente aos períodos em que Husserl lecionou em Halle, Göttingen, e Freiburg. De acordo com Fink, as *Investigações Lógicas* e as *Ideias* são os trabalhos centrais dos dois primeiros períodos. Essa classificação é útil para ressaltar as tendências de cada período em direção às conquistas de um nível de análise mais geral e profundo. Olhando para trás, é possível discernir a unidade interna de cada fase.

¹⁷ Durchbruch é “rompimento”, “ruptura”, referindo-se ao momento no qual se coloca sua publicação (Nota do Editor).

ram sempre retomados nos trabalhos subsequentes. Pode até ser que a perspectiva do seu desenvolvimento seja distorcida, de alguma maneira, pela ênfase dada sobre a questão do psicologismo ao ponto em que se subestime o elemento da continuidade. Deve-se notar, por exemplo, que as *Investigações Lógicas* utilizaram os “Psychological Studies of Elementary Logic”, pertencentes ao seu período inicial. Além disso, embora Frege tenha recebido os créditos pela derrocada da *Filosofia da Aritmética* e pelo fato de afastar Husserl de sua posição inicial, esse vínculo não pode ser sustentado pelos fatos. Frege foi de fato bem sucedido ao apontar as inadequações naquele trabalho, mas ele não provocou o seu descrédito; e o fato de a confiança de Husserl em seu trabalho não ter sido necessariamente abalada, pode ser comprovada pelas referências constantes a ele em escritos posteriores. De fato, um estudo pontual sobre a *Filosofia da Aritmética* ressalta alguns dos interesses descriptivos fundamentais de Husserl e apresenta, de maneira simples, tipos de problemas, revelados por algumas das suas últimas técnicas descriptivas mais desenvolvidas, nas suas próprias complexidades. Quando se lê toda a obra de Husserl consecutivamente, fica-se impressionado pela continuidade do seu desenvolvimento. Mas seria absurdo negligenciar as grandes mudanças na sua perspectiva (assim, por exemplo, a “redução fenomenológica” foi apresentada somente em 1913, na obra *Ideias*¹⁸, embora tenha sido elaborada e formulada alguns anos antes), ou rebaixar suas repetidas afirmações referentes às importantes mudanças nas suas opiniões.

Husserl teceu os seguintes comentários sobre seu período inicial: “Com respeito à conexão interna de todos os meus escritos, e consequentemente em relação ao meu desenvolvimento interno, a nova edição do *Philosophen Lexikon* trará a explicação correta, sob o meu nome, no caso do material preparado pelo Dr. Fink ser aceito sem alterações. ‘Influências’ externas não têm relevância. Como um teórico iniciante eu naturalmente leio muito, incluindo clássicos e literatura contemporânea das décadas de 1870 a 1890. Gostei muito do ponto de vista cético-crítico, visto que eu mesmo não vislumbrei nenhuma base sólida em momento algum. Sempre me vi longe do idealismo Alemão e Kantiano. Somente Natorp me interessou, mais por razões pessoais, por isso li toda a primeira edição da sua obra *Introduction to Psychology*¹⁹, mas não fiz o mesmo com a segunda edição. Li com entusiasmo (especialmente como aluno) a obra de Stuart Mill, *Logic*, e posteriormente a obra filosófica de Hamilton. Tenho continuamente estudado os empiristas ingleses e as principais obras de Leibniz (ed. por J. E. Erdmann), es-

pecialmente seus escritos matemático-filosóficos. Vim a conhecer Schuppe somente após as *Investigações Lógicas* (1900-1901), quando ele já não podia me oferecer nada de novo. Nunca estudei Rehmke seriamente. De fato, meu curso foi pontuado pela *Filosofia da Aritmética* (1891) e não pude fazer nada a não ser continuar a avançar”. Esta declaração não é de forma alguma completa, entretanto. Husserl frequentemente falava de James, cuja obra *Principles of Psychology* tinha um valor inestimável para ele. Lotze e Bolzano também tiveram grande importância para Husserl. Sua gratidão para Lotze foi por sua interpretação da teoria das ideias de Platão, a qual determinou todos os seus estudos posteriores. Também foi grato a Bolzano pela obra *Wissenschaftslehre*, que lhe rendeu o primeiro rascunho da “lógica pura” num momento bastante crítico do seu desenvolvimento. Além disso, nenhuma explicação sobre suas relações intelectuais deve omitir Twardowski, Marty e outros Brentanistas, além de Avenarius e Dilthey.

Olhando para seu desenvolvimento próximo de seus últimos dias de vida²⁰, Husserl enfatizou a importância do “modo de procedimento correlativo” ilustrado nas *Investigações Lógicas*. Isso ele rastreou na *Filosofia da Aritmética*, com sua “duplicidade peculiar de análises psicológicas e lógicas”, que agora eram vistas como tendo íntima relação. A unidade dos *Prolegomena* e das seis investigações, esquecidas pelos críticos contemporâneos, resultou da realização da natureza correlativa da análise descriptiva. Primeiramente, foi necessário defender a objetividade das estruturas lógicas contra todos os esforços subjetivistas, antes de proceder à preparação epistemológica da ciência da lógica pura. Embora grandes avanços sobre a *Filosofia da Aritmética* tenham sido alcançados, a análise da consciência foi principalmente “noética”, o que significa que estava muito mais preocupada com a vivência do que com os estratos de sentidos “noêmáticos” pertencentes a cada experiência. A necessidade e técnica para uma análise profunda dos dois lados da consciência foi feita, pela primeira vez de forma clara, nas *Idéias*.

A “fenomenologia” representada nas *Investigações Lógicas* utiliza somente a intuição imanente, sem ir além da esfera da auto-doação intuitiva. Este é o significado do preceito “voltar às coisas mesmas”; em outras palavras, um apelo à própria doação intuitiva. O segundo volume da obra ilustra esse princípio metodológico por meio de uma extensa análise concreta. Todos os *insights* dessa obra são *insights* apodíticos por essência. O reino das ideias que é assim revelado é finalmente referido de volta à subjetividade da consciência, entendida como “o campo primeiro de todo *a priori*”. De importância determinante na investigação universal da consciência é a percepção de que a esfera imanente é governado por leis essenciais.

¹⁸ *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, publicado em 1913, no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, Halle. A primeira parte desta obra possui traduções para o português (N. do E.).

¹⁹ *Einleitung in die Psychologie nach kritischer Methode* (“Introdução à Psicologia de acordo com o Método Crítico”), publicado em Freiburg, 1888 (N. do E.).

²⁰ Cf. *Philosophen Lexikon*, by E. Hauer, W. Ziegenfuss, and G. Jung, Berlin, 1937, pp. 447ff.

Até pode ser que nenhuma posição anteriormente sustentada estivesse completamente errada, tanto que os resultados “corretos” de suas investigações sempre encontraram seu lugar em cada período sucessivo. A explicação genética do pensamento de Husserl é, portanto, o melhor caminho para explicar o papel das várias visões e aspectos de sua filosofia. Durante toda sua vida intelectual, os principais estímulos de sua filosofia podem ser verificados, até sua última fase, quando foi sustentado que somente o meio “difícil” da redução fenomenológica, agora intrinsecamente elaborado, poderia revelar as bases “desmotivadas” e não condicionadas de toda filosofia e ciência.

Tendo em mente o elemento da continuidade, é útil distinguir diversos grupos de escritos, que irão descrever de modo mais exato os três maiores períodos já mencionados. A organização não é inteiramente cronológica, a fim de distinguir os escritos psicológico-epistemológicos do formal. O conteúdo e o método desses trabalhos estão em questão nesta classificação. Assim, embora *Erfahrung und Urteil* resulte de um período anterior, conforme mencionado por Landgrebe, também deriva de um período posterior, em questão. Por essa razão, pertence aos últimos escritos lógicos. (1) Temos a obra resultante do primeiro período de seu treinamento matemático, a dissertação sobre o cálculo das variações, “Beiträge zur Variationsrechnung”²¹. (2) O esforço de estabelecer uma fundação psicológica para a lógica e a matemática podem ser entendidas como estágios distintos no início da década de 1890, embora sejam paralelas às investigações de natureza estritamente lógica. Os estudos de Husserl, de 1886 a 1895, focaram preliminarmente no campo da matemática e da lógica formal. Este foi o período dedicado ao psicologismo como uma posição metodológica. Husserl acreditava que a filosofia da matemática estava relacionada com a origem psicológica dos conceitos fundamentais da matemática. Ao longo da obra *Filosofia da Aritmética*, Husserl dedicou atenção ao que chamou de fatores “quase-qualitativos” ou “figurativos” chamados de “qualidades da Gestalt” por von Ehrenfels²². (3) As *Investigações Lógicas* consistem nos resultados mais significativos dos esforços intelectuais de Husserl nos anos 1890. Suas várias partes foram escritas em épocas diferentes e, portanto, tiveram que ser revisadas por inteiro

a fim de dar a elas uma certa coerência. A parte crítica do primeiro volume, que tem sido mais amplamente lida, consiste de uma crítica e repúdio ao psicologismo, já apresentada em seus cursos no ano de 1895. O último capítulo deste volume, sobre “A Ideia de uma Lógica Pura” foi adicionado posteriormente; este resultou dos estudos matemático-lógicos precedentes conduzidos por Husserl, interrompidos depois de 1894, mas que avançaram na ideia de uma ontologia formal. É importante observar que as *Investigações Lógicas* registram um distintivo avanço na compreensão da ciência formal, bem como um marco no desenvolvimento de uma teoria do conhecimento, assunto que predomina em seu trabalho. Nesta, a fenomenologia é caracterizada como uma *psicologia descritiva* estruturada para oferecer os esclarecimentos das ideias de base do pensamento formal. Isto foi especialmente infeliz na medida em que foi um fator impeditivo para o correto entendimento das investigações. Entretanto, ficou evidente ao leitor cuidadoso que tais esclarecimentos apresentavam *análises essenciais*. Na correção subsequente a esse erro, Husserl enfatizou o fato de que toda apercepção psicológica é excluída, de que experiências pertencentes a seres pensantes reais não estão em questão. Em outras palavras, a “psicologia descritiva” não foi feita para ser entendida no seu sentido comum, mas como foi claramente apontado na primeira edição da sua obra, o método de investigação foi concebido para ser livre de todos os pressupostos da psicologia e da metafísica. (4) Os escritos publicados após a primeira edição das *Investigações Lógicas* e até a publicação das *Ideias* em 1913 podem ser incluídos em um grupo, abrangendo todos os escritos conhecidos até a primeira formulação publicada sobre a redução fenomenológica. A segunda obra “Logical Survey” (uma discussão crítica das publicações alemãs sobre lógica no final do século) continha um grande material pertencente ao período precedente, além da correção da concepção de fenomenologia como uma psicologia descritiva. As *Lectures on the Consciousness of Inner Time* (1905-1910)²³ e o ensaio publicado na revista *Logos*, “Philosophy as a Rigorous Science” (1910)²⁴ ilustram, respectivamente, a natureza da descrição fenomenológica e o ideal programático da fenomenologia como a mais rigorosa de todas as ciências. Nesse período, a função esclarecedora da fenomenologia é atribuída a uma disciplina autônoma que serve de pôr-ídio para todo o tipo de conhecimento. Embora a análise

²¹ Cp. Illemann, *Husserls vor-phänomenologische Philosophie*, p. 70. Illemann está correto ao ressaltar os três períodos em matemática pura, pré-fenomenologia e pura ou “fenomenologia da época” [“epochistic” phenomenology], embora fizesse mais sentido manter a própria terminologia de Husserl ao falar de fenomenologia em dois sentidos – o descritivo simples e o transcendental. Illemann comete o erro de apresentar o criticismo, do ponto de vista da escola de Driesch-Schingnitz, enquanto ao mesmo tempo reconhece a incompletude dos períodos anteriores. Cf. revisão de Becker sobre o livro de Illemann na *Deutsche Literaturzeitung*, Feb. 4, 1934, no qual Becker sugere o título de “fenomenologia perspectivista” para o quarto período.

²² Refere-se à *Gestaltqualität* ou “qualidade da forma”, proposta por Christian von Ehrenfels (N. do E.).

²³ *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*, ou as “Lições para uma Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo”, cursos proferidos por Husserl entre 1905-1907, e compilados inicialmente por Edith Stein. Foram publicadas pela primeira vez em 1928, sob organização de Martin Heidegger, no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, 9. Halle a.d.S: Max Niemeyer, 1928, 367-498. Em 1966, tem nova edição, por Rudolf Boehm, e sua publicação em 1969, nas *Husserliana* 10. A edição para o português foi traduzida por Pedro Alves, da Universidade de Lisboa (N. do E.).

²⁴ *Philosophie als strenge Wissenschaft*, publicado na revista *Logos* 1. Tübingen. (1910-11), 289-341. A tradução portuguesa data de 1965, como *A Filosofia como Ciência de Rigor* (N. do E.).

descritiva da consciência do tempo inclua elementos de um caráter genético e constitutivo, e expanda o campo de análise, a redução de todo o conhecimento à consciência pura não é definida sistematicamente tanto na obra quanto no ensaio de *Logos*. A fenomenologia é agora, em resumo, uma região autônoma de investigação livre de toda pressuposição da psicologia, mantendo a exigência de uma filosofia livre de pressuposições. (5) As *Ideias* inauguram o período da fenomenologia transcendental, e o método da redução fenomenológica se torna o caminho para a filosofia. Este trabalho fornece a apresentação sistemática da nova fenomenologia. Neste contexto, o fenomenológico é distinguido da “atitude” natural. Esta pressupõe a existência do mundo, em conjunto com outras pressuposições normalmente feitas. A atitude fenomenológica exige a suspensão de todas as pressuposições. A existência do mundo e de tudo que é “posto”, é colocada “entre parênteses”. Os fenômenos que permanecem são o assunto principal da fenomenologia, definida como a ciência da consciência pura transcendental. A discussão sobre *noesis* e *noema* é particularmente importante para trazer à luz algumas estruturas fundamentais da experiência e também por indicar um campo frutífero para pesquisas. A “redução” abre um campo universal para a investigação filosófica livre de quaisquer prejuízos e pressuposições, em razão da sua importância metodológica crucial. Husserl é cuidadoso ao distinguir a redução eidética (procedente do fato para a essência) da redução transcendental, de acordo com a qual os fenômenos são caracterizados como sendo “irreais” e não são ordenados no “mundo atual”. O método da redução fenomenológica é aplicado a fim de alcançar o campo filosófico livre de pressuposições na consciência de um ego individual para começar, que envolve a suspensão de todas as crenças nas realidades transcendentais. A fenomenologia tornava-se agora a ciência mais fundamental e a base absoluta de todo o conhecimento. O objetivo de Husserl ao trazer as *Investigações Lógicas* até o nível das *Ideias* numa edição revisada (1913-1921) não foi concretizada plenamente, embora algumas partes dela tenham sido radicalmente alteradas em conformidade com uma clareza maior que ele tinha desenvolvido. O termo “epoché”²⁵ nomeia apropriadamente esse período. Não existe necessidade de ambiguidade no uso desse termo. Outros significados de “epoché” além daqueles das *Idéias* devem ser colocados explicitamente. Isso significa o caminho para a esfera transcendental e sua elaboração mais detalhada é oferecida pelas *Meditações Cartesianas*²⁶. Este trabalho

²⁵ No original, “epochistic”. Optamos por manter a palavra original *epoché*, utilizada na fenomenologia, para não criar outro neologismo (N.d. E.).

²⁶ *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, publicados nas *Husseriana 1*, sob edição de S. Strasser. Referem-se às conferências de Husserl em Paris (entre 23 e 24 de fevereiro de 1929), a convite do “Institut d’Études Germaniques” e da “Société Française de Philosophie”, na Sorbonne. Em português esses textos foram traduzidos em dois volumes distintos: *Conferências de Paris e Meditações Cartesianas* (N. do E.).

trata do problema da vivência de outras mentes através da empatia e introduz o conceito de intersubjetividade transcendental, necessária para uma completa fenomenologia constitutiva. (6) Embora venham sob o título apropriado de fenomenologia transcendental, é desejável listar os últimos escritos lógicos separadamente. A obra *Formal and Transcendental Logic* (1929)²⁷ é importante não somente em vista de sua notável excelência como um clássico da lógica, mas também porque é o ponto culminante das linhas de desenvolvimento da fenomenologia lógica e transcendental. O termo “perspectivista” chama atenção para o esforço de uma síntese dos dois campos de interesse tradicionalmente divergentes com os quais a atividade filosófica de Husserl começou, ou seja, sua proposição-problema original, a qual envolvia a psicologia e a epistemologia bem como o pensamento formal. A análise detalhada desse trabalho permite ao leitor julgar o sucesso daquela síntese. Incluso nisto está uma reinterpretação e avaliação das *Investigações Lógicas* como um nível avançado da fenomenologia transcendental. A preparação e a publicação dos últimos estudos lógicos de Husserl, chamados de *Experience and Judgment* (1939)²⁸, finalmente permite a compreensão da base fenomenológica da lógica. Husserl apresenta grande parte do material necessário para a análise da experiência, acrescentando mais argumentos para suas investigações e resultados já alcançados. Isso se aplica particularmente à análise da “experiência pré-predicativa” e à “análise de origens” dos conceitos e lógicas da forma²⁹. Assim como a *Formal and Transcendental Logic*, este é um trabalho de grande importância para a lógica, para a teoria do conhecimento e para a psicologia. É importante lembrar que a oposição de Husserl ao psicologismo jamais impli-

²⁷ No original, *Formale und transzendentale Logik: Versuch einer Kritik der logischen Vernunft* (N. do Ed.).

²⁸ No original, *Erfahrung und Urteil. Untersuchungen zur Genealogie der Logik*, organizado por Ludwig Landgrebe e publicado logo após o falecimento de Husserl. Permanece inédito em português (N. do E.).

²⁹ Cf. *Erfahrung und Urteil*, §§ 5, 11, e 12 para o significado do conceito de “origem” ou de “gênese” como concebido pelo método fenomenológico. A afirmação “genética” de Husserl sobre os problemas da origem, como relacionados à lógica, não é psicológica no sentido comum. O termo “genético” refere-se à produção pelo qual surge o conhecimento na sua “forma originária” de auto-doação, um processo que repetidamente requer uma mesma forma de cognição. O processo factual, histórico, dos significados que surgem a partir de uma subjetividade definidamente histórica não está em questão. Nossa mundo se torna um exemplo para nós por meio dos quais estudamos a estrutura e a origem de um mundo possível em geral. O esclarecimento da origem do julgamento predicativo é uma tarefa fundamental para a genealogia da lógica num sentido transcendental. O objetivo é investigar as contribuições do conhecimento para a construção do mundo. A fim de se ater às experiências últimas e originais, é necessário voltar às unidades simples e considerar o mundo como um mundo puramente perceptivo, de abstrações de tudo o que é existente. Desse modo, o reino da natureza como percebido por mim é alcançado primeiramente. Assim, podemos chegar à construção das pedras mais primitivas da contribuição lógica, da qual o nosso mundo é construído. A linha sistemática das interrogações “transcendentais” desses estudos lógicos ilustra tais “análises de origem”.

cou uma oposição à psicologia. Ao contrário, não menos importantes de suas contribuições foram feitas no campo da psicologia. (7) As últimas publicações a aparecer, uma antes de sua morte e outra póstuma, revelam seu interesse em expandir o método fenomenológico para um escopo ainda maior do que tinha sido alcançado, para incluir referência à história da ciência e da filosofia, e para dar conta do problema da história confrontando esse método por meios do conceito de “história intencional”.

Os sete grupos listados acima abrangem as seguintes publicações: (1) *Matemática*. Tese de doutorado, “Beiträge zur Variationsrechnung” que não foi publicada. (2) *Psicologismo. Filosofia da Aritmética* (1891), somente o volume I foi publicado; “Psychologische Studien zur elementaren Logik” (1894). A tese de habilitação submetida à Universidade de Halle para fins de qualificação docente, “Ueber den Begriff der Zahl” (1887) foi impressa, mas não colocada à venda. Foi incorporada na *Filosofia da Aritmética*. (3) *Formal Logic and Phenomenology as Descriptive Psychology*. Revisão do trabalho de Schröder intitulado “Vorlesungen über die Algebra der Logik” (1891); “Der Folgerungscalcül und die Inhaltslogik” (1891); controvérsia com Voigt (1893); a primeira pesquisa lógica, “Bericht über deutsche Schriften zur Logik aus dem Jahre 1894” (1897); *Logische Untersuchungen*, primeira edição (1900-1901). (4) *Fenomenologia Pré-Transcendental*. Segunda pesquisa lógica, “Bericht über deutsche Schriften zur Logik in den Jahren 1895-99” (1903-1904); revisão da obra de Palagyi *Der Streit der Psychologisten und Formalisten in der modernen Logik* (1903); conferências sobre consciência do tempo, *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins* (publicadas em 1928, mas escritas entre 1905-1910); o ensaio publicado na revista *Logos* sobre a filosofia como ciência rigorosa, “Philosophie als strenge Wissenschaft” (1910). (5) *Fenomenologia Transcendental*. A edição revisada das *Logische Untersuchungen*, juntamente com o prefácio recentemente publicado de 1913, no qual Husserl responde aos críticos (1913-1921); *Ideen zu einer reinen Phänomenologie* (1913); o prefácio do autor à tradução para o inglês das “Ideen” (1931); o artigo sobre fenomenologia na *Encyclopaedia Britannica*, 14^a edição (1929); *Méditations Cartésiennes* (1931); o ensaio de Fink nos *Kant-Studien*, “Die phänomenologische Philosophie Edmund Husserls in der gegenwärtigen Kritik”, no qual Husserl endossava ao expressar suas próprias opiniões (1933). (6) *Síntese da Logica Formal e da Fenomenologia Transcendental. Formale und Transzendentale Logik* (1929); *Erfahrung und Urteil* (1939). Husserl afirmou que ele mesmo se deparou com dificuldades antigas, mas que esse foi sem dúvida seu trabalho mais maduro, à parte a quinta edição das *Meditações Cartesianas*. (7) *Fenomenologia e História*. Na época de seu falecimento ele estava trabalhando em seu último livro, “A Crise das Ciências Europeias e a Filosofia: Uma Introdução à Fenomenologia

Transcendental”; a parte introdutória desse texto foi publicada no primeiro volume de *Philosophia* (1936)³⁰. Este trabalho foi estruturado para apresentar ao aluno as “dimensões radicalmente novas do conhecimento” da fenomenologia transcendental. O manuscrito sobre a origem da geometria, “Die Frage nach dem Ursprung der Geometrie als intentional-historisches Problem”, foi publicado por Fink na *Revue Internationale de Philosophie* (1939). Os vestígios literários de Husserl incluem uma grande quantidade de material descritivo sobre fenomenologia constitutiva e revela seus muitos interesses no campo da filosofia como um todo.

5. Rumo ao Futuro

Husserl acreditava que estivesse fazendo grandes progressos até o final, e que tinha finalmente alcançado a clareza completa sobre a compreensão. Rebaixado pela Alemanha oficial e ignorado por muitos dos renomados teóricos “arianos” na Alemanha, os quais tinha influenciado, Husserl encarou o futuro com um apelo para o julgamento da eternidade, com a percepção serena de quem tinha alcançado muito do que é permanente. Ele escreveu: “E nós, velhas pessoas, permanecemos aqui. Uma virada singular dos tempos: isso dá aos filósofos – se não nos tirar o fôlego – muito para pensar. Mas agora: *cogito ergo sum*, ou seja, submeto *sub specie aeterni* meu direito de viver. E isso, as *aeternitas* em geral, não podem ser tocadas por nenhuma força terrestre”.

Para ser sincero, Husserl teve poucos “seguidores” no final de sua vida, do ponto de vista da aceitação sem reservas dos seus últimos esforços filosóficos. Mas seria um erro restringir o número de representantes sinceros da filosofia fenomenológica a uns poucos seguidores. A alma do trabalho de Husserl era uma completude única; seus problemas tinham um horizonte sempre aberto. Se alguns poucos estudantes de filosofia podiam manter seu progresso atualizado, isso era devido à escassez de suas publicações em relação a sua produção completa. Mas não era só isso; deve-se admitir que muitos alunos de filosofia não dedicaram o tempo necessário ao estudo da fenomenologia. Esta era plenamente compreendida por alguns poucos, embora fosse discutida por muitos. Husserl não poderia se sentir sozinho nessas circunstâncias e isto foi acentuado pelo seu status na nova Alemanha.

O período do alcance internacional de Husserl em larga escala agora que começou, consoante o interesse sistematicamente organizado de estudiosos do mundo todo sobre o entendimento e desenvolvimento da sua filosofia. Husserl está destinado a ser objeto de discussão por um bom tempo. Esta é a intenção dos membros da *International Phenomenological Society*, de fazer feno-

³⁰ “Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendentale Phänomenologie”.

menologia efetivamente para progressos fenomenológicos futuros.

O método fenomenológico proíbe quaisquer prejulgamentos e dogmas. Seu ideal é a elaboração de uma filosofia descritiva através de um método *radical*, procedendo com a maior liberdade possível das pressuposições. Essa é uma tendência científica na filosofia e seu programa construtivo prevê resultados muito positivos. Assim, o método fenomenológico tem se mostrado de aplicabilidade, através de muitas pesquisas, em diversas áreas do conhecimento como arte, matemáticas, direito, ciências sociais, psicologia e psiquiatria. É certo que apenas o início foi feito. Por outro lado, a adoção nominal e o uso inadequado do método fenomenológico já ilustraram os perigos de um misticismo, de uma descrição unilateral e distorcida, do dogmatismo e do agnosticismo. Um domínio crítico e competente deveria manter o método livre de tais erros, oferecendo uma base para todos os estudiosos interessados no programa construtivo da filosofia como ciência rigorosa. O novo periódico, *Philosophy and Phenomenological Research*, está dedicado à promoção desse ideal. O trabalho de Edmund Husserl constitui seu ponto de partida. Olhando para o futuro, ele convida a uma participação ativa de todos os estudiosos capazes de contribuir para a compreensão e desenvolvimento da fenomenologia no seu sentido clássico e com o futuro progresso

da filosofia em si mesma e em sua relação com outras áreas de aprendizagem.

Marvin Farber (*University of Buffalo*)

Nota Biográfica

Marvin Farber (1901-1980) foi um filósofo americano (nascido em Buffalo, New York). Graduado *summa cum laude* em *Filosofia pela Harvard University*, estudou em Berlim, Freiburg e Heidelberg, entre 1922-1924, período em que entrou em contato com Husserl. Em 1925, obteve seu Doutorado em Harvard com a tese *Phenomenology as a Method and as a Philosophical Discipline*. Ao lado de Dorion Cairns foi um dos pioneiros na introdução da Fenomenologia nos Estados Unidos. Professor Emérito na Universidade de Buffalo, entre 1937-1961, fundou – em 1940 – a revista *Philosophy and Phenomenological Research*, um dos mais respeitados journals de sua área, sendo seu Editor até 1980. Anteriormente, em 1939, fundou a *International Phenomenological Society*. Publicou *Phenomenology as a Method* (1928), *The Foundation of Phenomenology* (1940), *Naturalism and Subjectivism* (1959) e *The Search for an Alternative: Philosophical Perspectives of Subjectivism and Marxism* (1984, póstuma).

Tradução: Profa. Dra. Silvana Ayub Polchlopek
(Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

Revisão Técnica: Adriano Furtado Holanda
(Universidade Federal do Paraná)